



**REDE URBANA E INTERAÇÕES  
ESPACIAIS PENSADAS A PARTIR DO  
AGRONEGÓCIO EM PEQUENAS  
CIDADES: UM ESTUDO DE CAMPOS  
LINDOS-TO**

**Reges Sodré**  

Doutor em Geografia, Universidade Federal de Rondonópolis, Instituto de  
Ciências Humanas e Sociais  
Contato: regessodre@gmail.com

**Como citar:** SODRÉ, R. Rede urbana e interações espaciais pensadas a partir do agronegócio em pequenas cidades: um estudo de Campos Lindos-TO. **Revista Formação (Online)**, v. 31, e024003, 2024.

Recebido: 07/01/2020

Aceito: 01/04/2024

Data de publicação: 28/06/2024

## Resumo

O presente trabalho teve como objetivo analisar a inserção da pequena cidade de Campos Lindos no segmento de rede urbana tocantinense a partir do papel das atividades do agronegócio. O município é atualmente o maior produtor de soja do Tocantins; em 2018, a área plantada foi de 67 mil hectares, resultando em uma produção de 213.060 mil toneladas. Tem atraído muitas empresas ligadas ao consumo produtivo agrícola, como a John Deere e CASE IH. Constataram-se dois tipos principais de interações em Campos Lindos: interações espaciais ensejadas pela população de modo geral, que depende de muitos serviços disponibilizados na cidade média de Araguaína e as associadas ao setor produtivo do agronegócio de grãos, que estabelece interações preferencialmente com a cidade de Balsas, o maior centro produtor de soja do sul do Maranhão. Ademais, o agronegócio incorpora a urbe de Campos Lindos numa teia de relações que ultrapassa o lugar e a região em que está inserida. Apesar disso, a cidade ainda não foi capaz de ascender hierarquicamente na rede urbana, em grande medida porque as dinâmicas do agronegócio são incipientes nesse espaço.

**Palavras-chave:** Campos Lindos, pequena cidade, agronegócio, rede urbana.

## URBAN NETWORK AND SPACE INTERACTIONS THINKING FROM AGRIBUSINESS IN SMALL CITIES: A STUDY BY CAMPOS LINDOS-TO

### Abstract

The aim of this study was to analyse the integration of the small town of Campos Lindos into the urban network of Tocantins, focusing on the role of agribusiness activities. The municipality is currently the largest producer of soybeans in Tocantins; in 2018, the cultivated area was 67,000 hectares, resulting in a production of 213,060 metric tons. It has attracted numerous companies associated with agricultural production, such as John Deere and CASE IH. There were two primary forms of interaction in Campos Lindos: spatial interactions driven by the general population, which relies on several services provided in the medium-sized city of Araguaína, and those associated with the grain agribusiness sector, which firstly establishes interactions with the city of Balsas, the largest soybean producing centre in southern Maranhão. Additionally, agribusiness integrates the town of Campos Lindos into a network of relationships that extends beyond its immediate location region. Despite this, the city has not yet been able to ascend hierarchically in the urban network, largely due to the nascent dynamics of agribusiness in this area.

**Keywords:** Campos Lindos. Small town. Agribusiness. Urban network.

## RED URBANA E INTERACCIONES ESPACIAIS REFLEJADA DESDE EL AGRONEGOCIO EN CIUDADES PEQUEÑAS: UN ESTUDIO DE CAMPOS LINDOS-TO

### Resumen

El presente trabajo tuvo como objetivo analizar la inserción de la pequeña ciudad de Campos Lindos en la red urbana de Tocantins a partir del papel de las actividades de agronegocios. El municipio es actualmente el mayor productor de soja en Tocantins. En 2018, el área plantada fue de 67 mil hectáreas y se produjeron 213,060 toneladas. Ha atraído a muchas empresas vinculadas al consumo agrícola productivo, como John Deere y CASA IH. Se encontraron dos tipos principales de interacciones en Campos Lindos. Interacciones espaciales causadas por la población en general, que depende de muchos servicios disponibles en la ciudad de Araguaína, e interacciones asociadas con el sector productivo de agronegocios de granos, que establece interacciones preferenciales con la ciudad de Balsas, el mayor centro productor de soja en el sur de Maranhão. Además, el agronegocio inserta a Campos Lindos en una red de relaciones que va más allá del lugar y la región en la que opera. Sin embargo, la ciudad aún no ha podido ascender jerárquicamente en la red urbana, en gran parte porque la dinámica de los agronegocios es incipiente en el espacio urbano.

**Palabras-chave:** Campos Lindos. Pequeña ciudad. Agronegocios. Red urbana.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo analisar a inserção da pequena cidade de Campos Lindos no segmento de rede urbana tocantinense a partir do papel das atividades do agronegócio. Esse município, localizado no extremo leste do Tocantins, divisa com o Maranhão, foi criado em 1991 e instalado oficialmente em 1993. Pelo censo demográfico de 2010, havia 8.139 habitantes, dos quais 3.320 residiam no campo e 4.819 na cidade (IBGE, 2010).

O município é atualmente o maior produtor de soja do Tocantins; em 2018, a área plantada foi de 67 mil hectares, resultando numa produção de 213.060 mil toneladas (IBGE, 2019). Nesse contexto, tem atraído diversas empresas ligadas ao consumo produtivo agrícola, inserindo-se nas interações espaciais de longo alcance e as intensificando. Esse crescimento, no entanto, é muito recente, datado dos últimos 10 anos, e ainda não foi capaz de alterar os vínculos de dependência em relação às cidades médias e fomentar um desenvolvimento<sup>1</sup> que minimize as condições de pobreza predominantes.

O agronegócio praticado em Campos Lindos está vinculado principalmente à soja. A implantação dessa cultura ocorreu de forma arbitrária e violenta, com a expulsão de camponeses de suas terras e com pouquíssimos retornos à população rural e urbana. Boa parte da mão de obra qualificada que atua no setor é importada. A cidade, carente de vários serviços, como saúde, saneamento, educação e infraestrutura urbana, oferece mão de obra barata, temporária e precarizada para atuação na soja.

Essa realidade estabelece uma contradição: de um lado, a maioria da população local é pobre e dependente de serviços instalados em cidades médias (Araguaína - TO), mas tem pouco acesso a eles, devido à reduzida capacidade de mobilidade. De outro lado, as atividades do agronegócio têm seus agentes oriundos do centro-sul que pouco utilizam a cidade, estabelecendo relações notadamente com Balsas - MA e tecendo interações interescalares.

Entre os principais autores que amparam essa discussão estão Corrêa (1997a), Santos (1993, 2010, 2012), Elias (2006, 2008), Domènech (2003), Catelan (2012) e Frederico (2011, 2013). Em termos metodológicos, o estudo apresenta uma abordagem quali-quantitativa. Os procedimentos quantitativos se voltam para a caracterização do agronegócio, como crescimento

---

<sup>1</sup> Entende-se desenvolvimento a partir das ideias de Souza (2013), para quem desenvolvimento deve significar transformação social para melhor, com aumento da qualidade de vida e redução da injustiça social. Isso implica, além de igualdade na distribuição de renda, autonomia individual e coletiva para a instituição da vida e da sociedade que se deseja construir. Um crescimento econômico com concentração de renda não merece o nome de desenvolvimento e, mesmo que houvesse distribuição de renda, teria que ser acompanhado pelo aumento da liberdade e autonomia.

das exportações, área plantada e toneladas produzidas. Já os procedimentos de natureza qualitativa se referem às entrevistas semiestruturadas realizadas com a população e comerciantes (45 entrevistas), com vistas a identificar as principais interações estabelecidas com outras cidades.

Na primeira parte do trabalho, apresenta-se uma revisão teórica acerca da rede urbana e do agronegócio; na segunda parte, discorre-se sobre os resultados da pesquisa, que foram subdivididos em dois momentos: no primeiro, aborda-se como o agronegócio está inserido no contexto de criação do município, cujas contradições são patentes; em seguida, discutem-se as interações espaciais de Campos Lindos e suas relações com o agronegócio.

## **DO CONCEITO DE REDE URBANA: DISCUSSÃO ACERCA DAS INTERAÇÕES ESPACIAIS INTERESCALARES**

Para Corrêa (1997a, p. 93), “a rede urbana constitui-se no conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si”. Trata-se, portanto, de “um tipo particular de rede na qual os vértices, ou nós, são os diferentes núcleos de povoamento dotados de funções urbanas, e os caminhos ou ligações os diversos fluxos entre esses núcleos” (Corrêa (1997a, p. 93). Adotando uma perspectiva semelhante, Domènech (2003, p. v) afirma que as “redes de ciudades” se referem “em el espacio en la cuallos nodos son las ciudades, conectadas por vínculos de naturaleza socioeconómica (links), a través de los cuales se intercambian flujos de distinta naturaleza, sustentados sobre infraestructuras de transportes y comunicaciones”.

Nota-se que a rede urbana se constitui por meio das interações espaciais que, numa primeira aproximação, são entendidas como “um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico” (Corrêa, 1997b, p. 279). Aponta, ainda, algumas de suas características, como i) maior ou menor intensidade; ii) variação segundo a frequência de ocorrência; iii) variação conforme a distância e direção; iv) caracterização por múltiplos propósitos; v) realização por diversos meios e velocidades.

As interações espaciais, no entanto, segundo Corrêa (1997b, p. 280), “devem ser vistas como parte da existência (e reprodução) e do processo de transformação social e não como puros e simples deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação no espaço”. Nesse sentido, as interações espaciais se referem a um movimento complexo que conduz e é conduzido pela (re)produção do espaço, que não está circunscrito à dimensão da rede, embora nela tenha uma de suas expressões mais eloquentes.

É essa perspectiva da interação espacial que Catelan (2012, p. 29) valoriza. Para o autor, “podemos vincular o conceito de interações aos processos de transformação da realidade espacial, que resultam das articulações entre os agentes que produzem o espaço”. Acrescenta-se que “não estamos tratando somente dos processos que se estabelecem no espaço, como também daqueles que produzem e são o espaço” (Catelan, 2012, p. 29).

A compreensão das interações, nesses termos, está relacionada ao modo capitalista de produção (entendido nas suas leis de funcionamento e como o ciclo de reprodução do capital) e suas várias fases de desenvolvimento que concedem base à complexidade e ao aprofundamento das interações. Além desse tempo histórico, as interações estão associadas ao tempo empírico<sup>2</sup>, tendo em vista que os inúmeros fluxos que interrelacionam “os fixos socialmente criados são caracterizados por lógicas que lhes conferem regularidades espaço-temporais que reportam à organização social e a seu desigual movimento de transformação” (Corrêa, 1997b, p. 295).

A face mais nítida das interações espaciais reside na materialização da força do capital, mas a banalidade da vida ocorre sustentada nas interações, que nem sempre respeitam os desígnios do modo de produção; o ir e vir, os afazeres diários estão sempre permeados de significados ligados à subjetividade que, mesmo assim, são importantes para mudanças e permanências em espaços e segmentos de rede urbana.

Porquanto a rede urbana é um conjunto de centros funcionalmente articulados, e as interações espaciais um conceito a ela imanente, há diversas teorias elaboradas que visam à sua explicação. As teorias derivam das múltiplas realidades existentes que exigem diferentes modelos de explicação. Nesse contexto, destacam-se algumas, como a teoria dos circuitos da economia urbana (Santos, 2008) e a da localidade central (Christaller, 1996). Uma reconstrução interessante dessa última foi elaborada por Domènech (2003) e Catelan (2012), intitulada de rede de cidades, que será comentado a seguir, pois oferece um arcabouço consistente para interpretar a organização espacial do agronegócio.

Sem deixar de reconhecer a validade da teoria das localidades centrais, Domènech (2003) aponta duas deficiências centrais dessa teoria. A primeira é “no permiten la presencia de actividades avanzadas fuera de los centros de mayor rango de la jerarquía”; e a segunda “son modelos incompletos, al no recoger las relaciones horizontales ni las relaciones entre sistemas

---

<sup>2</sup> Segundo Santos (2012, p. 52), “as periodizações nos dão, sem dúvida, um tempo, mas apenas um tempo externo a cada subespaço faltando resolver a questão do seu tempo interno”. A técnica surge como elemento de empiricização do tempo, de forma que cada lugar tem seu tempo. “O espaço é formado de objetos técnicos. O espaço do trabalho contém técnicas que nele permanecem como autorizações para fazer isto ou aquilo, desta ou daquela forma, neste ou naquele ritmo, segundo esta ou outra sucessão. Tudo isso é tempo”. (Santos, 2012, p. 55).

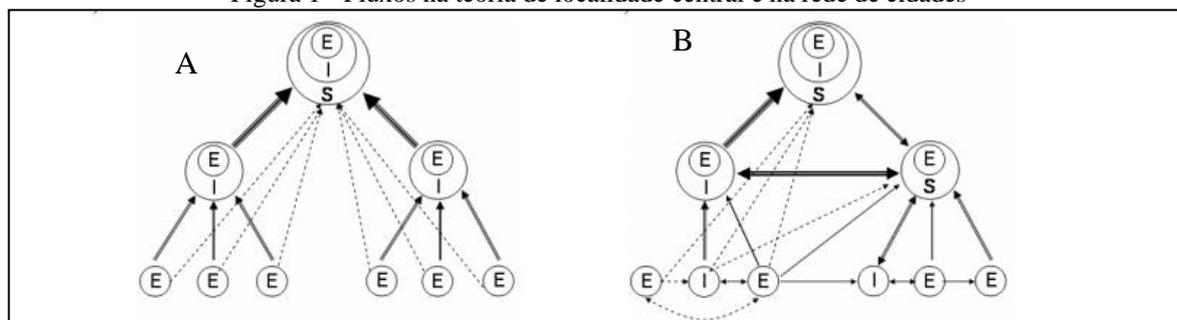
urbanos diferentes” (Domènech, 2003, p. 4). Visando superar essas e outras deficiências estruturais da teoria de localidades centrais, diante dos avanços do meio técnico-científico-informacional e de uma sociedade cada vez mais conectada em rede, o autor discorre sobre os aspectos concernentes à teoria da rede de cidades como proposta complementar e atualizada da problemática da rede urbana:

Las principales características de las redes de ciudades son la posibilidad de coexistencia de estructuras jerárquicas y no-jerárquicas, la cooperación entre ciudades y la generación de ventajas asociadas a la organización de la estructura urbana y la interacción entre sus nodos (Domènech, 2003, p. 17).

A Figura 1 ilustra o debate levantado: no lado A, a procura por bens e serviços se dá segundo um padrão tipicamente hierárquico. Nesse caso, os centros somente se relacionam com pares distintos quando pessoas de um deles, ocupando posição inferior na rede, necessitam de objeto que não possuem; o suprimento só se concretiza pela procura de outro centro de nível hierárquico superior, seja aquele imediatamente próximo ao centro local, ou diretamente com o centro cabeça de rede. Nas redes urbanas em que a primeira hipótese for o padrão dominante, retrata-se a estrutura simples, imatura e incompleta dessa, levando alguns autores, como Cardoso e Azevedo (1982), até mesmo a rechaçar o termo hierarquia.

No lado B, tem-se a configuração de uma rede urbana mais complexa, em que as ligações se realizam entre centros de mesmo nível e interações podem ser mantidas entre uma cidade de nível hierárquico superior (em que pessoas procuram bens e serviços em centro especializado) com outra localizada em um estrato imediatamente abaixo; além de interações entre centros urbanos de redes diferentes. É crucial atentar para o fato de que o modelo B não destrói a hierarquia urbana – ela continua presente – mas foi sobreposta a fluxos e interações de natureza multivetorial e interescalar, tal como apontado por Domènech (2003).

Figura 1 - Fluxos na teoria de localidade central e na rede de cidades



Fonte: Domènech 2003, elaborado a partir de Hotelling (1929), Scott (1989) e Boix (2002).

Catelan (2012, p. 62) se baseou na teoria da rede de cidades e a ela acrescentou contribuições teórico-metodológicas. Conquanto sua preocupação principal tenha se endereçado às cidades médias, o escopo de sua contribuição “poderá ser posto à prova para além das tipologias das cidades”. Ele propôs o termo heterarquia urbana para denominar as articulações interescolares que extrapolam a estruturação hierárquica (típica da teoria dos lugares centrais) da rede urbana e que relevam e apoiam, em grande medida, os papéis e as funções dos centros regionais. Para Catelan (2012, p. 61), “o padrão hierárquico continua a existir, no entanto, torna-se insuficiente para explicar os conteúdos advindos do aumento das interações espaciais sob a égide da globalização”. Nesse aspecto, a heterarquia urbana é uma ampliação do enfoque e não uma desconsideração da hierarquia urbana.

As articulações interescolares não consistem somente em modificar a escala, a partir “da qual as dinâmicas vão ser estudadas, mas sim de articular entre si escalas cujos âmbitos de realização social e econômica se sobrepõem, se combinam e entram em conflito simultâneo e concomitante” (Sposito, 2011, p. 127). Isso não implica que todas as escalas devam ser mobilizadas com a mesma importância na explicação de um objeto de pesquisa; a construção desse é que vai indicar as escalas mais significativas (Souza, 2013).

Camagni (2005) ressalta a existência de uma estrutura mista ou de transição entre o modelo dos lugares centrais e o da rede de cidades, perspectiva pertinente principalmente em países subdesenvolvidos. Para esse autor, a hierarquia urbana se mantém “em los niveles elevados de la estructura urbana, organizadas alrededor del mercado de las funciones terciarias avanzadas y de control” e, também, “em términos de áreas de mercado para los input de producción” (Camagni, 2005, p. 124). Desse modo, pensar em uma rede urbana sem o mínimo de hierarquia no capitalismo parece um contrassenso. As hierarquias são destituídas amiúde (num sentido mais literal e completo) em casos de sinergias, quando, por exemplo, a administração de um grupo de centros urbanos resolve criar grandes infraestruturas ou inovações territoriais que um dos núcleos, individualmente, seria incapaz de fazê-las (Camagni, 2005).

Na perspectiva de Domènech (2003, p. vi), “la red [...] es la respuesta de los sistemas urbanos a las necesidades de dinamismo y flexibilidad em la actividad económica y em la implementación de políticas, em un contexto de cambio continuo y globalización”. Acerca dessa visão, Capel (2003, p. 43) afirma que transformações têm sido vistas “em la red de ciudades debido a las modificaciones em la inserción de cada país y región em el proceso de globalización”, levando “las redes urbanas se hacen más complejas com flujos más intensos,

diversificados y múltiples”. Diante disso, é possível “ocorrir que las ciudades no mantengan ahora relaciones solo com las próximas, sino también com otras lejanas em relación com la mejora de las redes de circulación”. Finalmente, afirma que “toda la teoría de los lugares centrales se ve afectada por estos câmbios” (CAPEL, 2003, p. 44).

Portanto, as pesquisas sobre rede urbana acompanham o desenvolvimento do capitalismo e sua materialização no espaço, mostrando os crescentes níveis de complexidade por ele adquiridos. É consistente, então, que se ampliem as perspectivas de se estudarem as funcionalidades dos centros urbanos e suas relações hierárquicas-heterárquicas.

### **INTERAÇÕES ESPACIAIS ENGENDRADAS PELO AGRONEGÓCIO: NOVAS DINÂMICAS PARA SE PENSAR AS CIDADES E AS REDES URBANAS**

Entre os elementos<sup>3</sup> que contribuem para a redefinição dos papéis das cidades na rede urbana, em especial das cidades médias e pequenas, estão as atividades do agronegócio. O conceito de agronegócio pode ser “compreendido como o processo de industrialização da agricultura” o qual “tem sido utilizado para justificar a criação das chamadas cadeias produtivas, com o objetivo de agregar atividades agroquímicas, industriais e comerciais aos cálculos econômicos da agricultura” (Mendonça, 2013, p. 140).

Segundo Santos (2010, p. 43), é uma agricultura científica globalizada, pois a “produção agrícola tem uma referência planetária”, recebendo “a influência daquelas mesmas leis que regem os outros aspectos da produção econômica”. Nesse sentido, o agronegócio surge no contexto do processo de globalização, sendo um resultado e uma das variáveis que o caracterizam. A título de exemplificação, essa produção no campo não seria possível sem o aperfeiçoamento dos meios de transferências, bem como pelos novos imperativos do consumo, incluindo os novos hábitos alimentares, com destaque para os *fast-foods*, os quais demandam crescentes consumos de carne industrializada.

Nas últimas décadas, novos objetos e ações hegemônicas são verificados no campo brasileiro, conduzindo à “reestruturação produtiva da agropecuária” que “atinge tanto a base técnica quanto a econômica e social do setor” (Elias, 2008, p. 2), assinalando novas contingências do habitar rural. Os espaços rurais passaram, assim, a ter sua base produtiva substituída por um receituário técnico das empresas multinacionais com a ideologia do

<sup>3</sup> Outros elementos no caso brasileiro seriam “a) as novas dinâmicas propiciadas pelos meios de transferências; b) a desconcentração industrial e centralização espacial dos comandos; c) a difusão do consumo, notadamente entre os batalhadores e em menor grau na ralé” (Sodré, 2016, p. 23; Sposito *et al.*, 2007).

incremento da produtividade, da rentabilidade e das benesses, “levando ao aumento exponencial das quantidades produzidas em relação às superfícies plantadas” (Santos, 2010, p. 43). Os produtores que não usam as técnicas modernas oferecidas por empresas multinacionais do setor agrícola que chegam ao Brasil, tidos como atrasados, arcaicos, portanto, devem ser expropriados ou espoliados de suas terras e condições de vida em favor do capital hegemônico. Como dissera Santos (2010, p. 89), “é atender a tais imperativos ou sair”.

Elias (2006) elaborou uma periodização com vistas a captar a gênese e as transformações na agropecuária científica do Brasil. Três períodos se destacaram: o da substituição da base técnica produtiva (1950), o da industrialização da agropecuária (1960) e o da integração de capitais industriais, financeiros e agrários (1970). Essa realidade é observada principalmente no Sudeste; no Tocantins e na Amazônia Oriental, esses processos se verificam simultaneamente a partir de 1985.

Frederico (2013) também elaborou para a modernização da agricultura brasileira periodização dividida em dois momentos: o primeiro, situado entre as décadas de 1960 e 1980, caracteriza-se pela adoção do paradigma da Revolução Verde, pela constituição dos complexos agroindustriais e pela centralidade da atuação do Estado; o segundo se dá a partir da década de 1990, pautado no uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) no campo e na “desregulamentação” da política e economia. Esse último período marca, segundo Frederico (2013, p. 4), a emergência da “agricultura científica globalizada” no território brasileiro.

Nesse contexto, intensificaram-se as relações cidade-campo, tendo como um dos elos a difusão do consumo produtivo agrícola, conceituado inicialmente por Santos (1993), e contido na perspectiva da agricultura globalizada. Isso inclui máquinas, implementos agrícolas, sementes transgênicas, biotecnologia, produtos veterinários, agrotóxicos, melhoramento genético, estudos do solo, assistência técnica com profissionais especializados, irrigação e informatização das atividades produtivas com a chegada da telefonia e da internet, que atuam de várias formas no espaço agrícola.

Segundo Frederico (2011), “a concentração de serviços, para atender ao nexos produtivo do campo é o principal fator responsável pela urbanização da fronteira agrícola moderna”, porque “é nas cidades que ocorre o consumo dos serviços e o tratamento e retransmissão das informações oriundas de diversas partes do globo” (Frederico, 2011, p. 6-7).

Adicionalmente, Sposito (2015, p. 136) lembra que a dinâmica do agronegócio é relevante porque, ao propiciar o enriquecimento das camadas socioeconômicas mais elevadas,

“requer ampliação na oferta de bens e serviços em cidades médias e grandes que estão distantes das metrópoles, melhor servidas no que concerne ao varejo”. Nesse sentido, o agronegócio enseja não apenas o surgimento do consumo produtivo, mas confere novas qualidades ao consumo consuntivo, aquele que “esgota em si mesmo” (Santos, 1993, p. 50).

Segundo Frederico (2011),

Dentre os serviços ofertados pelas cidades ao campo moderno destacam-se: a revenda de insumos químicos, mecânicos e biológicos; a prestação de consultorias agrônomicas, logística, financeira e de mercado; o beneficiamento e processamento agroindustrial dos grãos; o armazenamento e transporte de insumos e produtos agrícolas; o fornecimento do crédito de investimento e custeio (via bancos e empresas privadas); e a comercialização dos grãos (via corretores e *tradings*) (Frederico, 2011, p. 9, grifo do autor).

As corporações se tornam as protagonistas dessa produção pautada no meio técnico-científico-informacional, fomentando a migração de mão de obra qualificada, que traz um saber técnico ancorado na eficácia produtiva (leia-se lucrativa). A forma de atuação dessas empresas procura aproximar o produtor rural das novidades tecnológicas presentes no mercado, inserindo-o num constante processo de atualização e reinvenção de suas práticas produtivas. Os meios de concretização são variados, desde feiras, festas, exposições, propagandas, visitas ao campo, reuniões com sindicatos e produtores no campo e na cidade, imposições de mercado, entre outros. Estreitam-se os vínculos com a cidade, tida como lócus de resolução de demandas geradas na propriedade rural. Os meios pelos quais essas interações se materializam não precisam mais estar restritos ao deslocamento físico; o telefone, contatos por *e-mail* e as redes sociais (especialmente *Facebook* e *WhatsApp*) podem fazer com que um técnico, agrônomo, engenheiro, administrador ou um zootecnista se comunique com o produtor, e para sua propriedade possa se deslocar para prestar o serviço requerido.

Não se trata apenas do aprofundamento das relações campo-cidade, mas a própria escala de atuação e inserção das cidades nas redes, em especial a urbana, se transforma à medida que os objetos que elas oferecem ao campo possuem origem e concepção distantes, levando à intensificação das trocas materiais e de ideias. Essas interações, inseridas no âmbito da ação, devem estar conectadas aos acontecimentos mercadológicos, tanto a montante quanto a jusante da produção. Os intercâmbios se intensificam entre segmentos de uma rede urbana e regiões próximas, já que apenas algumas cidades concentram os meios técnicos necessários para colocar a produção em movimento e para oferecer objetos e ações que tornam o cultivo mais rentável (Santos, 2012).

Abre-se com maior vigor a possibilidade de que, pela força do agronegócio contida nas ações de agentes privados e públicos e visíveis em objetos modernos, os segmentos de redes urbanas menos integradas às interações interescares sejam interligados junto aos nódulos mais dinâmicos da economia brasileira. As distâncias para o acesso e o fornecimento de serviços começam a diminuir, pois as principais urbes (cidades médias e algumas pequenas) funcionam como verdadeiros pontos de suporte para as demandas do campo. Isso ocorre não apenas por dinâmicas e agentes que chegam até essas cidades, mas também por lógicas econômicas que delas partem. Os exemplos estão em empresas regionais que fazem frente (são, na verdade, complementares em muitas situações) às grandes corporações, às vezes com notórias desvantagens, pois oferecem serviços e produtos similares, ainda que a força econômica e política seja inferior<sup>4</sup>.

A instalação dessas variáveis nos espaços de fronteira modifica suas formas pela atribuição de novos conteúdos e funções, autorizando ações congruentes com a transformação espaço-temporal em curso, materializadas no território e vivenciadas pelos agentes envolvidos. Esses, por sua vez, experimentam os avanços de forma diferenciada. No seio da elevada monopolização da terra, cresce a precarização dos trabalhadores e dos expulsos do campo que tentam se reencontrar nas periferias das cidades, vilas e povoados, agravando os problemas sociais. Faz parte desse pacote a condição dos produtores locais, de maneira especial os pequenos, que têm sua produção cada vez mais subordinada ao mercado.

## **O AGRONEGÓCIO NA GÊNESE DE CAMPOS LINDOS: EXPROPRIAÇÃO E IMPERATIVO DA FLUIDEZ**

Conforme Cifuentes (2013), a literatura oficial assegura que o município de Campos Lindos foi criado pelo governador José Wilson Siqueira Campos, em 1991, e instalado em 1993. Foi ele quem “escolheu o lugar hoje ocupado pela cidade”. Sob o seu comando, foi elaborada a planta da cidade e foram abertas suas ruas e instaladas as redes de abastecimento de água e de energia elétrica, considerando como fator decisivo para essa atitude “a potencialidade econômica dos solos da região, aliado à secular beleza paisagística” (Tocantins, 2015a, p. 8).

Todavia, a realidade diverge, já que a única obra realizada na cidade foi a retirada da cobertura vegetal e a abertura das ruas. Não houve a instalação de qualquer tipo de serviço

---

<sup>4</sup> Constatações oriundas de trabalho de campo, mas outros autores já chegaram a conclusões semelhantes para suas áreas de estudo. Há observações similares em Sodré (2015).

ou obra de infraestrutura urbana mais adequada em curto prazo. Usaram-se, como estratégia para o povoamento inicial, a doação de lotes para quem desejasse se mudar para a “cidade” e a concessão de cestas básicas como incentivo adicional (Cifuentes, 2013).

A cidade e o município não foram instalados num espaço vazio; ali já existia um território, oficialmente pertencente ao município de Goiatins. As primeiras ocupações datam de 1970, quando pequenos agricultores chegaram e começaram a produzir para subsistência, acompanhados pelo surgimento de um incipiente comércio de abastecimento. No local onde a cidade foi instalada, a partir da desapropriação de uma fazenda, havia 22 pessoas morando em 1991, formando um pequeno povoado (Cifuentes, 2013).

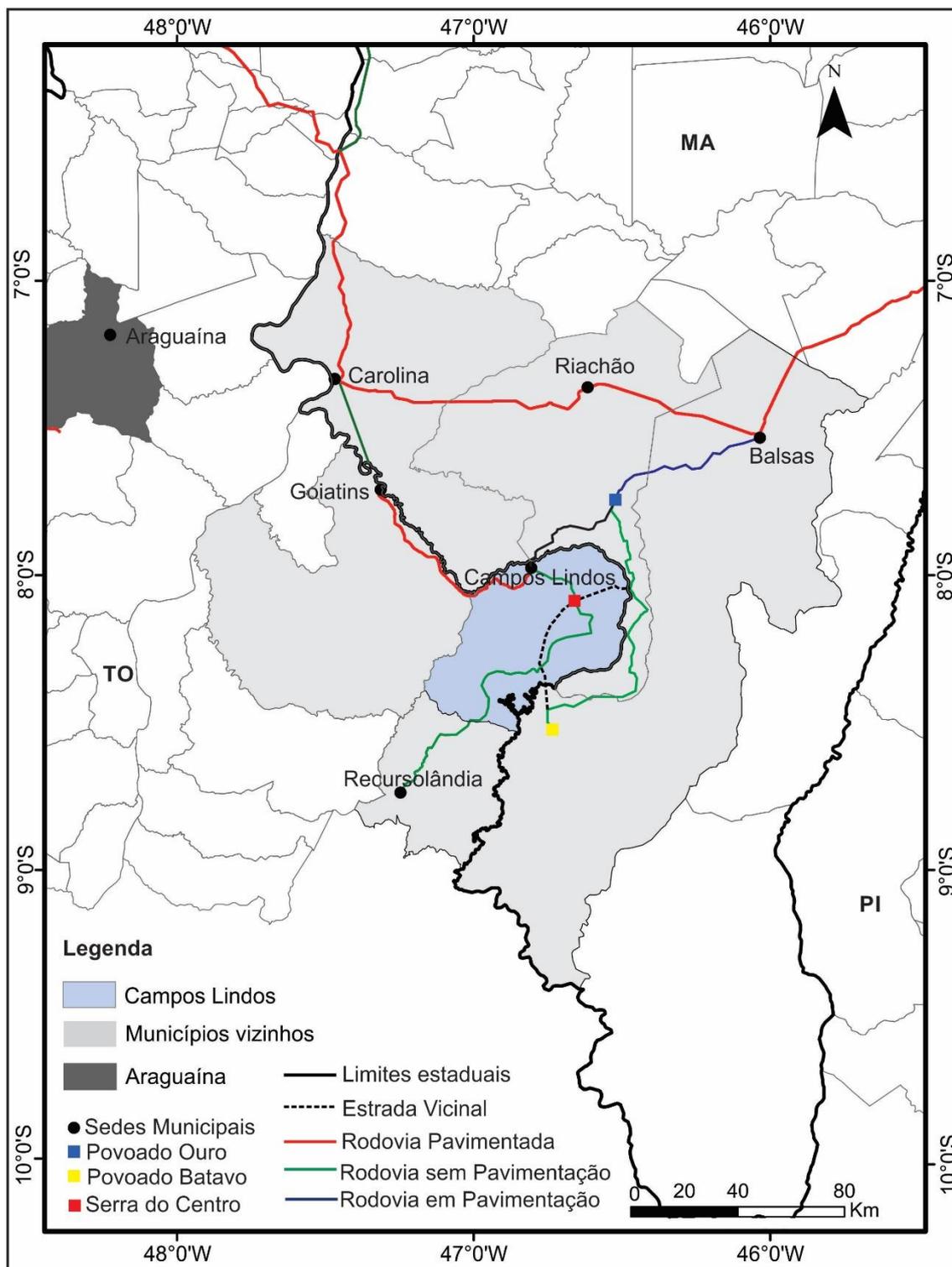
Campos Lindos, até o final do século XX, era uma localidade isolada, estabelecendo suas principais interações com o estado do Maranhão, especialmente com as cidades de Riachão, Balsas e Carolina, onde os pequenos produtores vendiam seus excedentes (CIFUENTES, 2013). As relações com outros municípios tocantinenses eram escassas devido à ausência de estradas, e as conexões com cidades distantes eram inexistentes. Tais cidades maranhenses ainda são aquelas com as quais Campos Lindos mantêm as principais interações atualmente, o que parece um equívoco, ao menos em parte, como ficará esclarecido mais adiante.

Em 1997, quatro anos depois da emancipação, o governo estadual instituiu um decreto que desapropriava uma área do município, tida como de interesse público, para a instalação de um projeto agrícola. Ao todo, foram 600 pessoas – pequenos produtores – expropriadas de modo absolutamente arbitrário. Pouco tempo depois, em 1999, realizou-se a distribuição de terras para grandes produtores iniciarem o plantio de soja, a maioria dos quais vinha de outros estados – São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Santa Catarina. As contendas na justiça duram até hoje, entre desapropriados, produtores de soja e o estado (Cifuentes, 2013).

Cumpria-se, pois, o propósito de criação desse território, destinado à exploração do agronegócio, desde suas primeiras concepções. O agronegócio da soja é, para seus defensores e aliados, como empresas e poder estatal, matriz do desenvolvimento local/regional. Mas, como essas informações demonstram, para boa parte da população, tem sido sinônimo de expectativas frustradas, exploração e precarização das condições de vida. A luta desse povo mostra que justiça e desenvolvimento socioespacial passam pela diversidade de cultivos no campo e não pela monocultura de grãos.

A cidade de Campos Lindos não exerce centralidade sobre nenhum território vizinho, e todos os comerciantes entrevistados relataram que atendem apenas a demanda da população urbana e rural do próprio município. A estrutura comercial da cidade é compatível com tal assertiva, uma vez que o comércio e os serviços ofertam produtos básicos, somada à sua posição geográfica, visto que ela está relativamente distante de outros centros pequenos e regionais, e as ligações com os espaços exógenos não favorecem seu acesso, pois apenas a rodovia (TO-226) que dá acesso a Goiatins é asfaltada (Figura 2).

Figura 2 - Campos Lindos: posição geográfica (2016)



Fonte: IBGE (2015); DNIT (2013); Google Earth (2015).

A ligação com o principal centro da região, a cidade média de Araguaína, é feita por meio de rodovia pavimentada, envolvendo trechos da BR-010, TO-226, TO-130 e TO-222, com percurso de 238 km e 3h30min de viagem. O trecho que liga Campos Lindos a Goiatins foi

inaugurado em 2006, com investimentos de R\$ 35,6 milhões, e recuperado em 2014 (Vidal, 2006; Gonçalves, 2014; Trabalho de campo, 2016). Atualmente, é o melhor percurso da rodovia com destino a Araguaína. As razões apontadas pelos órgãos públicos para os cuidados despendidos com essa estrada se devem à soja, vez que parcela dessa é escoada por esse trajeto.

A ligação com Balsas, maior produtor de soja do Maranhão, é feita por meio da rodovia MA-140, que está em processo de pavimentação até o entroncamento com a MA-007, no povoado Ouro, do município de Riachão (ver Figura 2). O trecho restante até a sede de Campos Lindos representa 39,37% do total, para o qual não há previsão de pavimentação. Essas obras visam atender o chamado Anel da Soja, que inclui, além de Balsas, Riachão, Carolina, Tasso Fragoso e Alto Parnaíba, que juntos plantaram, em 2014, mais de 391 mil hectares de soja. A distância até Balsas é de 127 km e 2 horas de viagem (Obras..., 2016; IBGE, 2014; Trabalho de campo, 2016).

Há que se ressaltar, contudo, que o projeto de pavimentação do Anel da Soja visa asfaltar a MA-007 até o povoado Batavo<sup>5</sup>, no sul de Balsas (ver Figura 1), o que vai beneficiar diretamente o escoamento e o fortalecimento das relações entre os municípios (incluindo Riachão), já que quase toda a produção de soja de Campos Lindos se concentra na sua porção leste. Tal fato tende a fortalecer as relações do campo com outro município e não com a própria sede municipal. De toda forma, a ligação entre essas cidades foi facilitada em 2006, quando da construção de uma ponte sobre o rio Manoel Alves – demarca a divisa entre Tocantins e Maranhão –, com extensão de 100 metros e investimentos de 2 milhões de Reais (Vidal, 2006).

A grilagem e a violência contra populações camponesas são componentes da expansão do agronegócio na região do Matopiba<sup>6</sup> e vêm passando por um recrudescimento nos últimos anos, especialmente a partir do golpe parlamentar de 2016 (Lima, 2019). Afirma, ainda, que dezenas de comunidades indígenas e quilombolas que vivem em suas terras há mais de 50 anos têm sofrido intensa e crescente ofensiva judicial para atender os interesses de pecuaristas e produtores de monoculturas de soja e eucalipto.

Esse processo violento de ocupação realizado pelos agentes do agronegócio também se verificou em diversos municípios do Mato Grosso, estado maior produtor de soja e milho do Brasil. Segundo Fioravanti (2017, p. 84), empresários e latifundiários ocuparam irregularmente

<sup>5</sup> Trata-se de uma localidade ao sul de Balsas que dá suporte à moradia de trabalhadores precários e armazenagem de grãos, como os silos da multinacional Bunge. Também ocorre com a Serra do Centro, no município de Campos Lindos (ver Mapa 1).

<sup>6</sup> “O Matopiba é uma região formada pelo estado do Tocantins e partes dos estados do Maranhão, Piauí e Bahia, onde ocorreu forte expansão agrícola a partir da segunda metade dos anos 1980, especialmente no cultivo de grãos. O nome é um acrônimo formado pelas siglas dos quatro estados (MA + TO + PI + BA)”. (Embrapa, 2023)

grandes extensões de terras e “depois as adquiriram, via licitação – cuja preferência lhes era assegurada mesmo em uma licitação, a qual supostamente deveria ser submetida a ampla concorrência – e a preços simbólicos justificados pelo dito ‘pioneirismo’” e pela alegada “urgência da ocupação do território”.

## **AGRONEGÓCIO E INTERAÇÕES ESPACIAIS DE CAMPOS LINDOS NA REDE URBANA**

Em razão da fraca infraestrutura comercial, os habitantes que conseguem se deslocar para buscar bens e serviços em outros municípios o fazem com regularidade. Alguns moradores que possuem maior renda usam a cidade somente para necessidades imediatas, que não podem ser proteladas. Mas grande parte da população fica refém dos serviços oferecidos na cidade, os quais, geralmente, têm qualidade inferior e preços mais altos.

O comércio local oferta bens de consumo básico, e as empresas que oferecem esses produtos são majoritariamente iniciativas locais. Os serviços públicos de saúde disponibilizados estão restritos a uma Unidade Básica de Saúde e a um Polo Academia da Saúde, não havendo sequer pasta direcionada à saúde, como Secretaria de Saúde. A cidade conta com seis médicos, dos quais dois são do Programa Mais Médicos. No campo educacional, há apenas oferta de educação de nível básico. Quem deseja estudar deve mudar-se para outros centros, uma vez que as distâncias para cidades como Balsas e Araguaína, que oferecem cursos presenciais e uma oferta relativamente maior de cursos a distância, não permitem o deslocamento diário. Os cursos de formação destinados ao trabalho agrícola restringem-se ao de técnico agrícola e são ofertados sazonalmente por instituições de Balsas. A cidade não possui agência bancária; conta apenas com postos de atendimento.

Para os serviços de saúde (como realização de exames, consultas e cirurgias); financeiros (saque, depósito, transferências, financiamento, entre outros); revisão e compra de veículos; aquisição de eletrodomésticos; e consumo de bens perecíveis no varejo, as principais interações estabelecidas são com a cidade de Araguaína. Secundariamente, aparece Balsas.

O que insere esse município nas interações espaciais interescares com maior nitidez é a soja. Ao mesmo tempo, os agentes que comandam esse setor produtivo no município destoam da dinâmica anteriormente apresentada. A partir do Projeto Agrícola Campos Lindos (1997), o município se tornou o maior produtor de soja do Tocantins, conforme dados da Produção Agrícola Municipal (IBGE, 2018). Em 2014, a área plantada foi de 67 mil hectares, resultando em uma produção de 213.060 mil toneladas (IBGE, 2018). Essa produção é

realizada com técnicas modernas aplicadas no setor agrícola, visando sempre elevar a produtividade e baixar os custos, o que, em suma, significa aumentar os lucros dos produtores. Grandes empresas começaram a se instalar em 2003 e, a partir de então, têm ampliado cada vez mais sua atuação (Brasil, 2001-2015).

As grandes empresas atuam desde a compra de terras e a produção da soja propriamente dita, passando pelo beneficiamento dessa e pelo fornecimento de insumos (Cifuentes, 2013). Por meio dessas multinacionais, o município estabelece interações espaciais de âmbito internacional, seja pela exportação dos produtos, pelas normas impostas aos produtores pelo mercado mundial, ou pelo constante acompanhamento das bolsas de valores para verificação do preço das *commodities*, por meio de redes informacionais, notadamente a internet.

A Cargill foi a primeira a se instalar no município em 2002. Em 2003, chegou a Bunge Alimentos e, em 2004, a Uniggel Agroindústria de Algodão. A participação em exportações permaneceu em mãos dessas empresas até 2008, quando o grupo Algar Agro instalou um armazém com capacidade de armazenamento de 50 mil toneladas. A partir de 2009, a Ceagro Agronegócios também se instalou no município. Em 2015, após adotar a marca Agrex do Brasil, a Ceagro passa a atuar com 3 unidades exportadoras (Site das empresas; Brasil, 2002-2015; Tocantins, 2015b).

Foi justamente com a instalação dessas empresas que Campos Lindos começou a exportar sua produção em 2002. Nesse ano, as exportações foram destinadas apenas a dois países, Bélgica e França, totalizando um valor de US\$ 5,9 milhões. Passados mais de 10 anos, em 2015, eram 13 países importadores, com um volume de negócios de US\$ 128 milhões. Isso não significa que, ao longo do tempo, não tenham existido oscilações, tanto nos valores como nos destinos das exportações (Brasil, 2001-2015).

No âmbito do espaço urbano, os serviços destinados à lavoura de soja começaram timidamente a se estruturar para atender tanto os produtores locais quanto aqueles de fora do município. Isso ocorreu quando empresas multinacionais e regionais decidiram estabelecer unidades comerciais físicas na cidade. No entanto, os obstáculos para essa expansão foram o baixo investimento realizado na infraestrutura urbana e na proximidade em relação ao polo sojicultor de Balsas, que acaba por centralizar uma parte da oferta de serviços da lavoura da região sul-maranhense e do leste do Tocantins.

Assim, das oito empresas não locais identificadas no perímetro urbano, seis são do segmento ou pertencentes a produtores de soja. Esse é o caso da maior loja de materiais de construção da cidade, vinculada a um sojicultor com fazenda em Balsas e Campos Lindos,

proveniente da região Sul do Brasil. Mesmo nos setores comerciais que não possuem vínculos com a soja, os empresários relataram que investiram na cidade por acreditarem no desenvolvimento promovido pelo agronegócio.

Balsas, com três estabelecimentos, é a cidade com mais empresas em Campos Lindos, seguida por Araguaína, Palmas, Luís Eduardo Magalhães, Carolina e Guaraí. Os maiores destaques são as concessionárias Uniggel Máquinas, que vende equipamentos e implementos agrícolas da multinacional CASE IH, e a Lavronorte, que comercializa tratores e máquinas da John Deere, inaugurada em outubro de 2013 (Figura 3). Ambas as concessionárias têm sedes em Balsas e Palmas, ligadas a grupos com atuação no Tocantins, Goiás, Pará, Mato Grosso, Piauí, Maranhão e Mato Grosso do Sul.

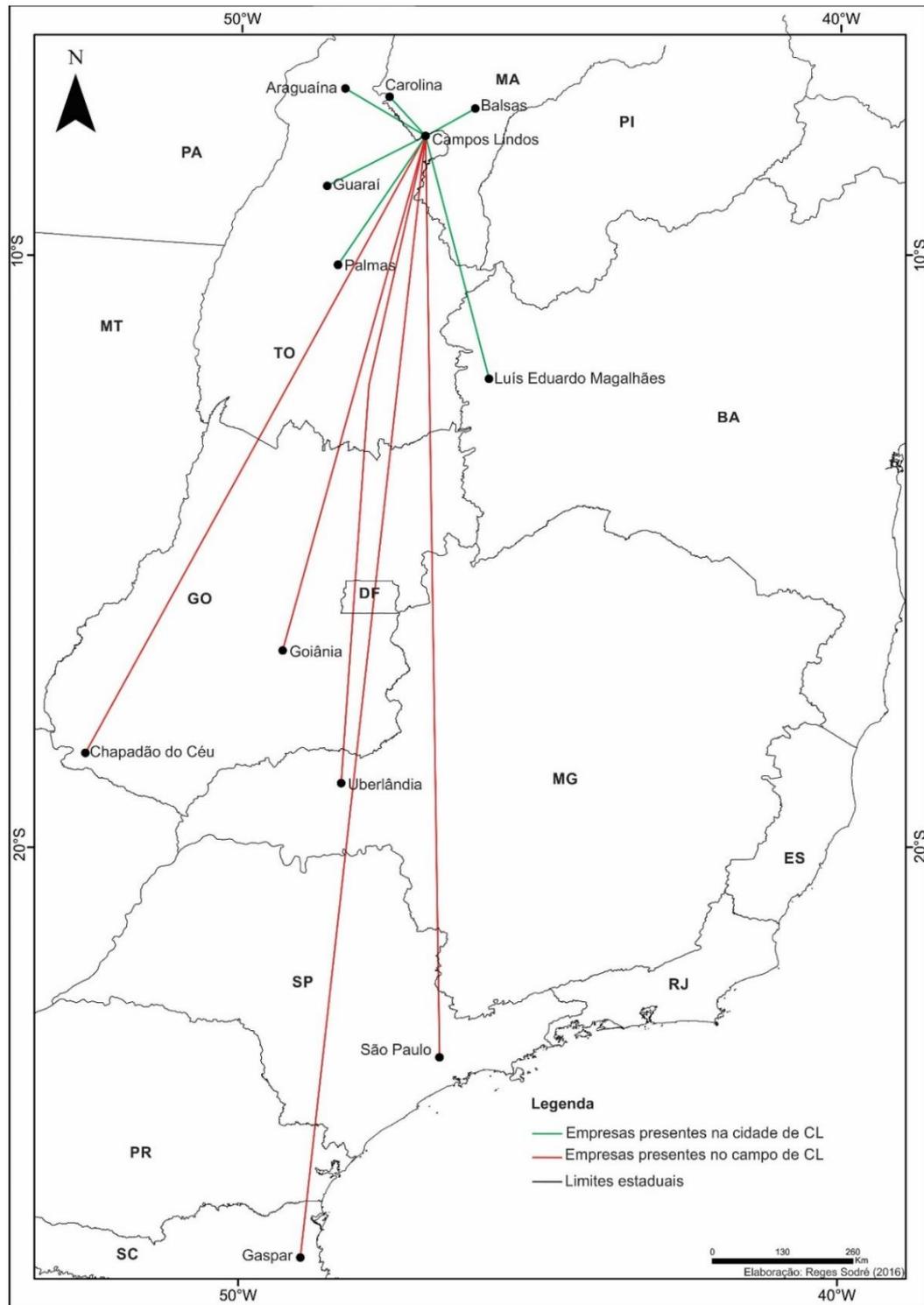
Figura 3 - Campos Lindos: concessionárias de máquinas agrícolas (2016)



Fonte: Trabalho de Campo (2016).

Nos últimos 3 anos, todas as empresas mais importantes ligadas diretamente ao agronegócio se instalaram no espaço urbano. Se esse processo continuar, nos próximos anos, a cidade poderá se tornar um pequeno polo na prestação de serviços ao campo. Como relatado por um administrador de empresa de consultoria rural, “o potencial de consumo dos produtores rurais e as possibilidades de crescimento e melhoria da lavoura são grandes”.

Figura 4 - Campos Lindos: local de origem das empresas (2016).



Fonte: Base Cartográfica IBGE, 2015. Trabalho de Campo, 2016. Sites de Empresas. Revista Exame (2015).

Na Figura 4, observa-se a conformação das interações espaciais estabelecidas na cidade e no campo. As empresas localizadas no campo têm sedes mais distantes se comparadas com as localizadas na cidade. A maioria delas são corporações multinacionais envolvidas diretamente na produção e no armazenamento dos grãos. As empresas instaladas na cidade, embora tenham sido atraídas para o município pela expansão do agronegócio, não se limitam à oferta de produtos e

serviços para produção de soja. Elas estabelecem interações em curtas distâncias, especialmente com as capitais regionais.

Sublinha-se que as condições para oferta de consumo produtivo apenas começaram a surgir. Quem chega à cidade (principalmente pela BR-010 ou MA-153) pela primeira vez é tomado pelo sentimento de que está no lugar errado, pois os equipamentos comerciais destinados à soja ocupam reduzido espaço na paisagem, não refletindo de modo algum a riqueza do agronegócio local. Se o visitante estiver desavisado, corre o risco de sair sem saber sequer da existência das concessionárias de máquinas, pois estão localizadas nos arredores do perímetro urbano. Esse padrão de localização ocorre em virtude de o público-alvo desses estabelecimentos morar no campo, facilitando o acesso para eles, além da necessidade de amplo espaço físico.

A relação que os produtores de soja mantêm com a cidade não é simples de decifrar. De início, eles se distinguem do restante da população pelos suntuosos carros que dirigem, pelo sotaque da região Sul, pela branquitude e pela cultura que trazem de seus lugares. Observa-se com frequência, por exemplo, no trabalho de campo, pessoas tomando chimarrão e conversando sobre a produção de soja. As atividades que desenvolvem têm reduzida dependência da cidade, pois apenas recentemente ela começou a oferecer insumos agrícolas ao campo. Segundo um administrador entrevistado, os grandes fazendeiros possuem aviões de pequeno porte, colocando-os em intenso processo de interação espacial e “prescindindo da cidade”. Ressalta-se que não foi encontrado algum aeródromo em Campos Lindos na lista disponibilizada pela ANAC (2016). A hipótese é que as pistas de pouso não estão regulamentadas por essa agência, ficando, portanto, fora da lista.

Uma característica perversa e marcante da forma de organização da produção agrícola imposta em Campos Lindos é a de que **as grandes fazendas que foram montadas para a produção de soja não têm interações comerciais (sic) nem outros vínculos com a cidade, nem com a população local [...]**. Segundo relatos de moradores o único vínculo dos sojeiros com o município é o apoio e até o financiamento das campanhas dos seus candidatos nos processos eleitorais para o Executivo e o Legislativo municipais (Cifuentes, 2013, p. 222, grifo nosso).

Não se considera que os vínculos que os produtores, ou a soja, têm com a cidade de Campos Lindos sejam insignificantes, nem que a conexão ocorra apenas em épocas eleitorais. Eles são tênues, especialmente na manifestação da paisagem. Acontece que, por meio da Associação Planalto (Associação dos Plantadores do Alto Tocantins), localizada no espaço urbano, esses produtores exercem uma forte atuação política junto ao município, buscando ampliar a infraestrutura do campo, como pontes e estradas vicinais, bem como construir um

consenso junto à sociedade local e aos pequenos produtores de que a soja traz benefícios para todos. Mais que isso, as pessoas devem ser gratas aos produtores, afinal, são eles que trabalham, produzem renda, riqueza e prosperidade ao local, nada mais justo que o devido reconhecimento<sup>7</sup>.

Parte desse mesmo movimento, e que tem papel representativo, é a Festa da Soja, realizada no centro da cidade desde 2005, com ampla participação dos produtores e da população local, que se diverte nos shows de cantores regionais pagos com recursos da Prefeitura Municipal e emendas parlamentares. Sequiosos por qualquer tipo de lazer, esse momento é comemorado pela população e pelos comerciantes, que aproveitam para ampliar a margem de lucro. Essa festa é o momento de socialização entre os produtores, a realização de negócios e, talvez, o principal, a demonstração de pujança do setor agrícola.

Outra frente de interação entre cidade e campo é a oferta de mão de obra barata e sem qualificação para a produção agrícola nas épocas de safras, quando um ônibus chega a fazer o transporte de trabalhadores campo-cidade. A oferta sazonal de curso técnico agrícola de Balsas em Campos Lindos também se configura como uma interação.

Uma frente de interação também é verificada na existência de alguns estabelecimentos na cidade, cujos proprietários são de origem sulista e estão ligados à produção agrícola, como restaurantes, hotéis e autopeças. Aí os produtores encontram apoio e suporte daqueles que compartilham de seus *habitus* e interesses na localidade. É emblemático o nome de uma oficina: “Tornearia Paraná”, uma das mais movimentadas da cidade, com trânsito de camionetes modelo Hilux, por exemplo, sujas de argila, dirigidas por homens brancos altos e mulheres com iguais características. Esse nome, além de indicar a origem do proprietário, carrega a carga simbólica de quem chega de fora com poder cultural e financeiro, indo além de uma simples delimitação territorial.

Essa dinâmica territorial de Campos Lindos é semelhante àquela estudada por Sodré (2023) e Velasco (2023) para o segmento de rede urbana do Mato Grosso. Segundo o primeiro autor, o consumo produtivo agrícola no estado está concentrado em poucas cidades do agronegócio e em cidades médias, como Sorriso, Sinop, Lucas do Rio Verde, Rondonópolis e Primavera do Leste. Para Sodré (2023, p. 18), “várias cidades de Mato Grosso, como Itiquira, Cláudia, Feliz Natal e Nova Maringá, aparecem como grandes produtoras de soja, mas isso não

---

<sup>7</sup> “O domínio permanente de classes sobre outras exige que as classes dominadas se vejam como ‘inferiores’, preguiçosas, menos capazes, menos inteligentes, menos éticas [...]. Se o dominado socialmente não se convence de sua inferioridade, não existe dominação social possível” (Souza, 2015, p. 181).

se traduz em oferta de consumo produtivo urbano”. Na verdade, “são cidades que servem apenas como reserva de mão de obra desqualificada para o trabalho nas safras”.

Velasco (2023) aponta que no município de Itiquira, que figura entre os 15 maiores produtores de soja do estado do Mato Grosso, não houve desenvolvimento da cidade estimulado pelo agronegócio, e o que há é uma segregação interurbana da população trabalhadora, que enfrenta sérias dificuldades para acessar bens e serviços em outros centros. A cidade não é servida nem mesmo por linha interestadual de transporte rodoviário nos finais de semana e, durante a semana, existem apenas vans que levam passageiros até Rondonópolis.

Dessa forma, as contradições do agronegócio, materializadas no campo e na cidade de Campos Lindos, estudadas nesta pesquisa, podem ser vistas em outras cidades da região e do país, comprovando que nem sempre há desenvolvimento das cidades nas quais o agronegócio globalizado se instala, mas um uso instrumental, de infraestruturas corporativas, como as ferrovias e rodovias, e dos recursos naturais e humanos, como a mão de obra.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pequena cidade de Campos Lindos possui uma infraestrutura urbana bastante precária, ofertando bens e serviços básicos para sua população. Quando essa tem condições de deslocamento, procura satisfazer suas necessidades, principalmente, na cidade média de Araguaína e, secundariamente, em Balsas. Destaca-se que uma fração significativa da população urbana tem deslocamentos limitados, com a maioria das necessidades sendo atendida sem viagens para outras cidades.

Se Araguaína é o principal centro urbano procurado para a realização das demandas gerais por bens e serviços daqueles que se deslocam de Campos Lindos, no tocante à dinâmica do agronegócio, tem-se outra configuração. O setor produtivo de grãos estabelece interações preferencialmente com a cidade de Balsas, principal centro produtor de soja do sul do Maranhão.

Essa interação ocorre de várias maneiras, seja pela abertura de empresas de Balsas em Campos Lindos que oferecem serviços e produtos diretamente relacionado ao agronegócio, como as concessionárias Uniggel e Lavronorte, ou também empresas que, embora não estejam diretamente ligadas ao consumo produtivo agrícola, pertencem aos produtores de soja de Balsas. Adicionalmente, verifica-se que os produtores de Campos Lindos procuram serviços em Balsas por meio de deslocamento físico ou por meio de interações via internet e celular.

Por outro lado, o agronegócio insere Campos Lindos numa teia de relações que ultrapassa o lugar e a região onde está inserido, seja essa região pensada na conformação Araguaína-Campos Lindos, ou Balsas-Campos Lindos. Grandes empresas, como a Cargill e a Bunge, colocam a soja local nos grandes mercados mundiais pela exportação do produto *per se*, pelas normas que os produtores devem seguir, ditadas pelo mercado mundial, ou ainda pelo constante acompanhamento das bolsas de valores para verificação do preço das *commodities*, por meio de redes informacionais.

Reconhece-se que a produção de soja tem levado à implantação de novas atividades no espaço urbano de Campos Lindos; no entanto, a cidade ainda não foi capaz de ascender hierarquicamente na rede urbana, em grande medida porque as atividades ora mencionadas são incipientes. A consolidação de Balsas como centro de suporte ao consumo produtivo do agronegócio do sul-maranhense tem estendido sua influência ao leste do Tocantins e influenciado fortemente a cidade de Campos Lindos.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL - ANAC. **Aeródromos Cadastrados - 2016**. Brasília: ANAC, 2016. Disponível em: <https://www.anac.gov.br/assuntos/setor-regulado/aerodromos>. Acesso em: 10 set. 2016.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Balança comercial brasileira por município, 2001-2015**. Brasília: MDIC, 2015. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/sitio/sistema/balanca/>. Acesso em: 10 ago. 2017.

CAMAGNI, Roberto. **Economía urbana**. Barcelona: Antoni Bosch, 2005.

CAPEL, Horacio. Uma mirada histórica sobre los estudios de redes de ciudades y sistemas urbanos. **GeoTrópico**, São Paulo, v. 1, p. 30-65, 2003. Disponível em: [http://www.geotropico.org/1\\_1\\_Capel.html](http://www.geotropico.org/1_1_Capel.html). Acesso em: 10 set. 2015.

CARDOSO, Maria Francisca Thereza Cavalcanti; AZEVEDO, Lilia Maria Peçanha. Rede de Localidades centrais: uma tipologia aplicada ao Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 44, n. 4, p. 639-675, out/dez 1982.

CATELAN, Márcio José. **Heterarquia Urbana: Interações espaciais interescares e cidades médias**. 2012. 227 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.

CHRISTALLER, Walter. **Central Places in Southern Germany**. New Jersey: Prentice-Hall, Inc. 1996.

CIFUENTES, Joaquín Eduardo Manchola. **Agronegócio e acumulação por espoliação: o enclave da soja em Campos Lindos – Tocantins**. 2013. 283 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997a.

CORRÊA, Roberto Lobato. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997b. p. 279-318.

CONTINI, Elisio. Dinamismo do agronegócio brasileiro. **Agronline**, [S. l.], p. 1-5. 2001. Disponível em: <http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=22&pg=1&n=5>. Acesso em: 12 nov. 2014.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTE - DNIT. **Atlas e mapas**. Brasília: DNIT, 2013. Disponível em: <http://www.dnit.gov.br/mapas-multimodais/shapefiles>. Acesso em: 7 maio 2023.

DOMÈNECH, Rafael Boix. **Redes de Ciudades y Externalidades**. 2003. 377 f. Tese (Doutorado em Economia) - Departament d'Economia Aplicada, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2003.

ELIAS, Denise. Globalização e fragmentação do espaço agrícola do Brasil. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 10, n. 218 (3), p. 1-20, 2006. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/1211>. Acesso em: 18 set. 2012.

ELIAS, Denise. Redes agroindustriais e urbanização dispersa no Brasil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 10, 2008, Barcelona. **Anais [...]**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2008. p. 1-20. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/menu.htm>. Acesso em: 22 maio 2013.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – Embrapa. **Matopiba**. Brasília: Embrapa, 2023.

FIORAVANTI, L. M. **Do agronegócio à cidade como negócio: a urbanização de uma cidade mato-grossense sob a perspectiva da produção do espaço**. 343 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

FREDERICO, Samuel. Agricultura científica globalizada e fronteira agrícola moderna no Brasil. **Cofins**, [Online], n. 17, 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/8153>. Acesso em: 20 ago. 2014.

FREDERICO, Samuel. As cidades do agronegócio na fronteira agrícola moderna brasileira. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 1, n. 33, p. 5-23, 2011. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg>. Acesso em: 20 ago. 2014.

GONÇALVES, Rubens. **Governo do Estado reconstrói rodovia TO-226 que liga Goiatins a Campos Lindos, no norte do TO**. Palmas: Governo do Tocantins, Secretaria da Comunicação, 22 jul. 2014. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/governo-do-estado-reconstrui-rodovia-to-226-que-liga-goiatins-a-campos-lindos-no-norte-do->

to/5tqg7e7llfck#:~:text=O%20governo%20do%20Tocantins%20est%C3%A1,comemoram%20a%20reconstru%C3%A7%C3%A3o%20da%20rodovia. Acesso em: 19 abr. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Bases cartográficas contínuas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 30 mar. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 22 jan. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção Agrícola Municipal 2014**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 07 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção Agrícola Municipal 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 07 jan. 2019.

LIMA, Débora Assumpção e. **Terra, trabalho e acumulação: o avanço da soja na região MATOPIBA**. 343 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

MENDONÇA, Maria Luisa Rocha Ferreira de. **Modo capitalista de produção e agricultura: a construção do conceito de agronegócio**. 2011. 217 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

OBRAS de pavimentação beneficiam escoamento da produção agropecuária do estado. Teresina: Governo do Maranhão, 26 mar. 2016. Disponível em: <https://www3.ma.gov.br/obras-de-pavimentacao-beneficiam-escoamento-da-producao-agropecuaria-do-estado/>. Acesso em: 6 maio 2016.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: Os dois circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação *et al.* O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades Médias: espaço em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35-67.

SPOSITO, Maria Encarnação *et al.* A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. *In:* CARLOS, Ana Fani Alessandri *et al.* (Org.). **A Produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** São Paulo: Contexto, 2012. p. 123-145.

SPOSITO, Maria Encarnação *et al.* Metropolização do espaço: cidades médias, lógicas econômicas e consumo. *In:* FERREIRA, Alvaro *et al.* **Desafios da metropolização do espaço.** Rio de Janeiro: Consequência, 2015. p. 125-151.

SODRÉ, Reges. A questão das relações campo-cidade na região de influência de Araguaína – TO. *In:* SODRÉ, R.; ARANTES, C. A. (Org.). **Espaço em (trans)formações no Tocantins: Economia, Política, Cidade e Campo.** Uberlândia: Edibrás, 2015. p. 219-255.

SODRÉ, Reges. **Interações espaciais entre cidade média e pequenas cidades:** um estudo de Araguaína-TO, Campos Lindos-TO, Carolina-MA e São Geraldo do Araguaia-PA. 2016. 238 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

SODRÉ, Reges. O agronegócio e a redefinição do segmento de rede urbana mato-grossense. *Revista Geotemas, Pau dos Ferros*, v. 13, n. 1, p. 1-22, 2023. DOI: <https://doi.org/10.33237/2236-255X.2023.5002>

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira:** ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: Leya, 2015.

TOCANTINS. Secretaria do Planejamento e Orçamento. **Perfil socioeconômicos dos municípios:** Campos Lindos. Palmas: Seplan-TO, 2015a.

TOCANTINS. **Diagnóstico do Agronegócio.** Palmas: FAPTO/SEPLAN-TO, 2015b. (Relatório).

VELASCO, P. H. M. **Segregação socioespacial interurbana em Itiquira-MT.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Rondonópolis, Curitiba, 2023.

VIDAL, Rose. **Governador inaugura asfalto de rodovia que liga Campos a Goiatins.** Palmas: Seplan-TO, 28 jun. 2006. Disponível em: <http://secom.to.gov.br/noticia/11283/>. Acesso em: 20 maio 2016.